



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



**CULTURA  
ACADÊMICA**  
*Editora*

# Considerações Psicanalíticas sobre a Participação do Psiquismo na Aquisição da Linguagem

Maria da Graça Chamma Ferraz e Ferraz

**Como citar:** FERRAZ, Maria da Graça Chamma Ferraz e. Considerações Psicanalíticas Sobre a Participação do Psiquismo na Aquisição da Linguagem *In:* GIACHETI, Célia Maria; GIMENIZ-PASCHOAL, Sandra Regina. **Perspectivas em Multidisciplinares em Fonoaudiologia:** da Avaliação à Intervenção. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. p. 115-130.  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2013.978-85-7983-452-3.p115-130>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO PSIQUISMO NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

*Maria da Graça Chamma FERRAZ E FERRAZ*

## INTRODUÇÃO

Vinte anos se passaram desde a criação do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Marília, quando iniciamos os estudos na área da Comunicação Humana, incorporando a Fonoaudiologia ao nosso campo de pesquisa em Psicologia. Durante esse tempo, temos nos esforçado muito no sentido de contribuir para a adequação ao campo da Comunicação Humana, dos conceitos linguísticos e psicológicos envolvidos no estudo da linguagem.

Nossa formação psicológica e psicanalítica, com intenso investimento na Linguística e na Filosofia Moderna, nos tem levado à pesquisa básica, além da pesquisa aplicada. Nossa tentativa tem sido a de criar instrumentos teóricos que referendem a prática da terapia de linguagem e da avaliação diagnóstica. É sobre o resultado da nossa tentativa de adequação dos conceitos envolvidos com o estudo da linguagem que gostaríamos de discorrer neste momento. Propomos pensar alguns dos conceitos envolvidos com o estudo da linguagem, mostrando como poderiam contribuir para a compreensão dos processos envolvidos na aquisição e no desempenho linguístico. Quanto mais claramente conseguirmos compreender esses processos, mais será possível o aprimoramento da prática clínica e diagnóstica.

## O INCONSCIENTE E O SIMBÓLICO EM SIGMUND FREUD

As noções de *pré-consciente*<sup>1</sup> e *inconsciente*<sup>2</sup> nos tem parecido fundamental no estudo da aquisição e desempenho linguísticos. A região psíquica, a que S. Freud chamou de inconsciente, é uma região constituída a partir do desenvolvimento do psiquismo. S. Freud idealizou um modelo estrutural e funcional do psiquismo.

[...] Conhecemos duas espécies de coisas sobre o que chamamos nossa psique (ou vida mental): em primeiro lugar o cérebro (ou sistema nervoso) e, por outro lado, nossos atos de consciência, que são dados imediatos e não podem ser mais explicados por nenhum tipo de descrição. Tudo o que jaz entre eles é-nos desconhecido, e os dados não incluem nenhuma relação direta entre estes dois pontos terminais de nosso conhecimento. [...] presumimos que a vida mental é função de um aparelho ao qual atribuímos as características de ser extenso no espaço e de ser constituído por diversas partes... (p.157)<sup>3</sup>.

O psiquismo é constituído, portanto, por regiões de ação psíquica. Freud pensou três regiões. O *Id*, que contém a herança genética e está presente desde o nascimento, é a região dos instintos, que nos aproxima dos animais. É uma camada psíquica primitiva que, durante o desenvolvimento psicológico, tem uma parcela desdobrada em *Ego*. O *Ego* é uma instância mediadora entre os instintos animais de sobrevivência e de perpetuação da espécie; deve ser entendido como uma região de autopreservação do psiquismo. É ele que estabelece as relações com o meio externo. Essa instância ou região psíquica, que também pode ser chamada de *consciência*, desdobra-se em uma espécie de *agente especial* do psiquismo, a que Freud denominou *Superego*. O *Superego* constitui-se a partir da atuação do *Ego* no espaço social, seu enfrentamento com as leis humanas de convivência no grupo e a necessidade de inscrição do indivíduo na sua cultura.

A base de funcionamento dessas três instâncias psíquicas é uma energia de caráter sexual, a *libido*. A expressão *sexual*, em Freud, diz respeito ao erotismo, e não à genitalidade. O erótico está associado à disposição do organismo de estabelecer conexões com a exterioridade. O genital está associado à realização da vida sexual genital, especificamente. A genitalidade é apenas um dos aspectos do erotismo e a relação sexual é um dos objetos investidos pela libido. A libido é de alguma forma quantificável.

De acordo com Sigmund Freud:

Nas funções psíquicas há razão para distinguir alguma coisa (quantum de afeto, soma de excitação) que possui todas as propriedades de uma quantidade - ainda que não estejamos habilitados para medi-la - alguma coisa que pode ser aumentada, diminuída, deslocada, descarregada, e se espalha sobre os traços minésicos das representações mais ou menos como uma carga elétrica à superfície dos corpos.(p.421)<sup>4</sup>

O *Ego*, estrutura identificada com a chamada *consciência* - a mediadora entre mundo interno e mundo externo -, realiza uma série de movimentos aos quais Freud chamou de *mecanismos de defesa do ego*, porque, mediante esses movimentos, o ego protege a estrutura consciente do indivíduo contra agressões do mundo externo ou contra a emergência de conteúdos internos à consciência. Desses movimentos nos interessam, especialmente, o *recalcamento* e a *repressão*<sup>5</sup>.

O recalcamento e a repressão são pensados como um mesmo tipo de movimento através do qual os conteúdos vividos pelo indivíduo como desagradáveis (ideias, afetos, etc.) são banidos da consciência e armazenados em uma instância aquém da consciência, mais ou menos profundamente e mais ou menos intensamente, fundando respectivamente inconsciente o pré-consciente. O recalcamento difere da repressão apenas em intensidade, sendo um mesmo movimento que segrega as *pulsões*<sup>6</sup> (certa intensidade de libido investida em certo objeto externo), *incestuosas*<sup>7</sup> (relacionadas aos afetos dirigidos ao genitor de sexo oposto), a uma região mais profunda ainda que a do pré-consciente, o inconsciente. O recalcamento está na origem da constituição do inconsciente, ou seja, trata-se de uma operação a partir da qual as representações ligadas a uma pulsão são mantidas em uma instância psíquica sobre a qual o indivíduo não tem mais controle, nem acesso, a não ser por meios especiais. Os chamados conteúdos inconscientes são pulsões as quais o ego se viu impossibilitado de realizar.

## O COMPLEXO DE ÉDIPO E A INSCRIÇÃO DO PSIQUISMO NO PLANO SIMBÓLICO

O complexo de Édipo, que resulta na repressão das pulsões incestuosas, é a face do desenvolvimento psíquico que resultará na inserção

da criança no plano *simbólico*<sup>8</sup>. A inserção no psiquismo na ordem simbólica é condição *sine qua non* para a aquisição da linguagem. Vamos entender, então, como acontece essa inscrição do psiquismo na instância simbólica.

Freud explica o desenvolvimento do psiquismo através do desenvolvimento da função sexual, uma vez que a libido é de natureza sexual.

O primeiro órgão a surgir como zona erógena e a fazer exigências libidinais à mente é, da época do nascimento em diante, a boca. Inicialmente toda a atividade psíquica se concentra em fornecer satisfação às necessidades dessa zona. Primeiramente, é natural, essa satisfação está a serviço da autopreservação, mediante a nutrição; mas a fisiologia não deve ser confundida com a psicologia. A obstinada persistência do bebê em sugar dá prova, em estágio precoce, de uma necessidade de satisfação que, embora se origine da ingestão da nutrição e seja por ela instigada, esforça-se todavia por obter prazer independentemente da nutrição e, por essa razão, pode e deve ser denominada sexual. (p.166)<sup>9</sup>

São quatro as *zonas erógenas*<sup>10</sup> descritas por Freud, ou seja, são várias as regiões do corpo nas quais grandes quantas de libido são investidas durante o desenvolvimento do aparelho psíquico, cada uma delas coincidindo com uma *fase* do desenvolvimento psicológico: *fase oral* (órgão-boca), *fase anal* (órgãos da função de excreção), *fase fálica* (órgão-pênis, em ambos os sexos) e *fase genital* (órgãos genitais). Não descreveremos detalhadamente cada uma delas, uma vez que a fase fálica é a que nos dará suporte para a compreensão das questões da linguagem. É nesta fase que Freud situa o *complexo de Édipo*<sup>11</sup>

Freud constrói o termo complexo de Édipo no modelo da tragédia grega que, no seu entender, é repetida pelo psiquismo desde os povos mais primitivos. Pai e mãe são figuras fundamentais à constituição da instância mais tardia do aparelho psíquico, o *superego*, que permitirá ao indivíduo viver em sociedade, partilhar os valores sociais e adquirir a linguagem humana. As relações pai-mãe-criança constituem o chamado *triângulo familiarista*<sup>12</sup>, um modelo de relações afetivas, que será a referência para as relações afetivas futuras do adulto. Neste triângulo, as relações são edipianas, ou seja, acontecem de maneira semelhante à tragédia grega.

Durante a fase do complexo de Édipo (três a quatro anos de idade, aproximadamente) o genitor do mesmo sexo da criança vai fazer a interdição do incesto que o personagem da tragédia grega não viveu. Édipo matou o pai e tomou posse do corpo materno, realizando o incesto. Seu castigo pela realização da pulsão proibida (a pulsão original) foi cruel: furou os próprios olhos e saiu cego e errante pelo mundo. Jocasta, a mãe incestuosa, foi castigada com a loucura e levada ao suicídio. Laio, o pai, não foi capaz de interditar a realização da pulsão incestuosa.

Na psique infantil, o genitor do mesmo sexo tem a função que Laio não realizou, ou seja, interditar o incesto. A criança, por temer o genitor do mesmo sexo, renuncia à rivalidade no amor pelo mesmo objeto. Temos nesse triângulo edipiano o que Freud chamou de *ambivalência afetiva*, porque, ao mesmo tempo em que a criança tem sentimentos agressivos em relação ao genitor do mesmo sexo, ela o teme por ser maior e mais poderoso. Nesta ambivalência de sentimentos, a criança acaba por optar pela identificação com a figura do mesmo sexo, construindo uma sexualidade masculina ou feminina. Na identificação com o mesmo sexo, a criança espera merecer a atenção do genitor de sexo oposto.

A fase fálica é a cena onde o superego se constitui. Freud a chamou de *fálica* por analogia ao *falo*, órgão sexual masculino e símbolo de poder desde a antiguidade. *Nessa época longínqua, o falo em ereção simbolizava o poder soberano, a virilidade transcendente, mágica ou sobrenatural (...) a esperança de ressurreição e a força que pode produzi-la (...)*<sup>13</sup>.

Durante a fase fálica, a menina ressent-se por não possuir o pênis, fantasiando que foi castrada; o menino teme o pai porque seu pênis é maior e também fantasia que o pai vai castrá-lo, caso ele tome posse do corpo da mãe. O desenvolvimento psíquico acontece, nesse momento, em torno da oposição presença ou ausência do pênis, e não em torno da oposição masculino ou feminino. É necessário esclarecer que o falo é referido ao valor simbólico do pênis, e não ao órgão do corpo. O genitor de mesmo sexo ensina que existem leis, que existe uma exterioridade que deve ser investida libidinalmente, obrigando a criança a uma vida de *relações objetais*<sup>14</sup>. As pulsões incestuosas - e, portanto, proibidas - dirigidas às figuras parentais são reprimidas, ficando no inconsciente em *estado de latência*<sup>15</sup>, pressionando o ego e podendo emergir a consciência de maneira deformada. A pulsão

incestuosa ou pulsão original significa esse investimento infantil no genitor de sexo oposto. A pulsão incestuosa dos primeiros anos de vida é *reprimida* pelo ego quando da construção do superego.

Para a perfeita compreensão da importância da fase fálica na aquisição da linguagem, devemos explicitar ainda o conceito de *desejo*<sup>16</sup>, que é de fundamental importância para o estabelecimento do sujeito psíquico e do sujeito linguístico. Nos escritos sobre a noção de desejo, Freud estabelece uma distinção entre dois termos: necessidade e desejo. A necessidade origina-se em um estado de tensão biológica (interna) e encontra sua satisfação em uma ação específica que fornece o objeto adequado à redução de tensão (a fome e o mamar, por exemplo). O desejo é incorrigivelmente ligado a traços minéscos, traços de memória relacionados às primeiras satisfações das necessidades, às primeiras situações de redução das tensões internas. O *objeto original do desejo* sempre é o seio materno, que satisfaz a primeira fome. O desejo encontra sua realização na *reprodução alucinatória* das percepções tornadas sinais das primeiras satisfações de necessidades. A procura que o ego realiza no real é absolutamente orientada por sinais, ou seja, orientada pela memória sensível de um conjunto específico de percepções vividas durante o período de amamentação.

O desejo, no pensamento freudiano, é sempre inconsciente, ligado a sinais infantis incorrigíveis. Desejo, portanto, é representação simbólica (o objeto original do desejo não pode mais ser acessado pela consciência na vida adulta, não se pode mamar para sempre), mas envia sinais que decidem as produções de um indivíduo adulto. A constituição desse movimento desejante que sinaliza a vida adulta é propriamente a inscrição do indivíduo na produção simbólica que mais tarde permitirá a aquisição da linguagem. A inscrição na instância simbólica está na base da constituição do sujeito linguístico, porque a linguagem é a forma mais sofisticada de operação simbólica.

#### **A OPERAÇÃO SIMBÓLICA OU O PROCESSO DE REPRESENTAÇÃO MENTAL**

Pensar o conceito de representação implica trabalhar com no mínimo duas ideias fundamentais: *função simbólica*<sup>17</sup> e *signo linguístico*<sup>18</sup>. A ideia de signo linguístico é de extrema importância, porque tornou

possível a construção de quase todos os referenciais sobre a constituição do pensamento e da linguagem. Na teoria dos signos, de Ferdinand de Saussure<sup>18</sup>, temos a explicitação do signo como composto por significante (imagem) e significado (conceituação sobre o referente). O signo compõe-se de imagem e *representação mental*<sup>17</sup>. A representação mental é um conceito aprendido sobre a realidade, ou seja, aquilo que se compreende sobre uma dada realidade. O signo linguístico corresponde a um referente (a coisa à qual o signo se refere) e é arbitrário. *Não existe vínculo natural entre significante e significado* (os sons da palavra não têm relação alguma com a ideia que ele veicula). *Este caráter de arbitrariedade do signo coloca-o num estatuto de pura abstração sobre a realidade*. Em quase toda a literatura psicológica e linguística, a ideia de signo está associada ao conceito de representação mental ou *representação* do mundo à consciência. Tradicionalmente, temos teorias da construção do pensamento e da linguagem fundadas na ideia de que existe uma instância do mundo das coisas e uma instância de outro tipo de mundo, o das palavras. O mundo das palavras é puramente abstrato, sendo, portanto, atravessado pelas construções ideológicas de um determinado segmento social. O signo seria, nesse caso, *representação* do real à consciência.

Entender representação dessa forma implica no entendimento das operações mentais como atuantes apenas sobre o plano das abstrações e da ideologia, jamais atingindo a realidade “em si mesma”. O conhecimento definitivo e “verdadeiro” sobre o referente jamais será alcançado, mas estará sempre atravessado pela ideologia de uma comunidade cultural, linguística, social, etc. Tal conhecimento será uma construção teórica - mesmo que partilhada por várias comunidades - sobre uma dada realidade.

## O CONCEITO DE INCONSCIENTE EM JACQUES LACAN E O CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO MENTAL

Vejamos agora as relações possíveis entre a *instância* do mundo real, a representação mental e o inconsciente. Vamos entender a natureza desse *mundo real*, desse mundo das *coisas*, com Jacques Lacan, cuja teoria psicanalítica está fundada nos mesmos conceitos já estudados em Freud.



Lacan estabelece três instâncias (ordens) de produção de realidade: *ordem do Real, ordem do imaginário e ordem do simbólico*<sup>19,20</sup>. Entenda-se isso lembrando as associações que Jacques Lacan estabelece entre a noção freudiana de desejo e a teoria dos signos, de Saussure, ou seja, através da ponte teórica que este autor estabelece entre a Linguística e a Psicanálise.

Em Lacan, porém, existem algumas diferenças relativas à linguística estruturalista que lhe dá suporte. Senão, vejamos: o significante não *evoca* um significado, mas *constrói* um significado intrapsíquico. Os significantes constituem elementos universais de fundação dos *significados intrapsíquicos*<sup>21</sup>. Eles não têm o poder de evocação dos significados, mas de construção dos significados (conteúdos psíquicos inconscientes, matéria psíquica latente, sujeita a emergir a consciência).

O inconsciente lacaniano, portanto, é simbólico, ou seja, funda-se em operações significantes. Dessa forma, o inconsciente é efeito da inscrição da natureza animal (infantil, instintual, primária) na ordem do simbólico, na ordem humana. O inconsciente lacaniano é, justamente, uma ordem inconsciente, uma instância *de* produção psíquica.

## A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PSÍQUICO NO PENSAMENTO DE JACQUES LACAN

Segundo a teoria lacaniana, os elementos de organização do inconsciente (os significantes) estão associados ao complexo de Édipo. São representações das experiências vividas, principalmente, durante a fase fálica. A *operação significante* que constrói o inconsciente é movimento de *re*representação do mundo ao ego, um movimento obediente às leis universais humanas, um movimento de fundação de modelos de efetuação das pulsões. Os modelos são fundados à imagem das relações (modelos de articulações entre significantes, de produção das cadeias associativas freudianas) efetuadas no triângulo familiarista, pensado por Freud.

A ordem do simbólico é a instância da fundação do sujeito psíquico, ou seja, a instância da inscrição da natureza primária, instintual, na ordem humana. Trata-se do processo edipiano de tornar-se filho de homem.

O sujeito psíquico é aquele que conhece o nome do pai. Antes da edipianização não pode haver sujeito, porque não há obediência ao interditor, ao pai detentor do falo, (imagem do poder pela presença do pênis), carregada pelo menino e pela menina, desde a fase do complexo de Édipo.

O falo (o poder do) é um poderoso significante que vai orientar a construção do mundo intrapsíquico, vai dar forma aos significados, ou seja, aos conteúdos inconscientes. O sujeito estrutura-se em torno do pai simbólico, do falo simbólico.

### A NOÇÃO DE DESEJO E A INACESSIBILIDADE DO REAL

Tal como em Freud, o *objeto do desejo* ou o *objeto primário*<sup>22</sup>, em Lacan, é um *objeto perdido*<sup>23</sup>. O objeto é a causa do desejo. No caso de Freud, o seio materno é o objeto perdido, aquele que satisfaz as primeiras necessidades e que será imaginariamente perseguido pelo adulto (o adulto buscará *representantes* dessa pulsão dirigida ao seio materno e ao corpo da mãe). Podemos dizer que Lacan acentua um aspecto da teoria freudiana, segundo o qual a criança viveria um período em que a mãe é percebida como *mãe fálica*<sup>24</sup>. Nas primeiras teorias infantis, a mãe possui o falo dentro de si, uma vez que ele é o único órgão sexual existente. Nas fantasias infantis, durante as primeiras frustrações relativas às necessidades básicas, a criança atribui à mãe esse poder fálico (provê-la ou não provê-la das necessidades).

O desejo na teoria lacaniana funciona pela busca do falo ausente. Nessa busca, o desejo é permanentemente lançado à reedição da cena edípica, a partir de novos objetos. As relações objetais seguem sempre o mesmo modelo, os mesmos significantes: medo da castração ou temor ao pai interditor, vontade de acesso à redução absoluta das tensões internas, ou vontade de desfazer todas as conexões, até retornar ao estado inorgânico.

O inconsciente é uma estrutura simbólica, onde deve existir sempre uma *casa vazia*. Esta *casa vazia* é a ausência do objeto original do desejo, que neste caso é o poder do falo, que garantiria o *gozo do absoluto* através da posse do corpo da mãe (o interditado pelo pai). Este esquema de *casa vazia* permite mobilidade ao psiquismo, permite a vida de *relações objetais*.

Podemos dizer que a estrutura humanidade é anterior ao indivíduo, que se torna sujeito humano quando ingressa na estrutura simbólica: na linguagem e na cultura.

### **A ORDEM DO IMAGINÁRIO**

Esta é a instância dos fantasmas, ou seja, alucinatória, constituída por blocos de sinais infantis que nunca mudam, permanecem nas cenas infantis (edípicas). É a instância do desejo original, das pulsões originais. Diz respeito ao material propriamente psicanalítico, matéria animal que escapou ao ditado (universal e simbólico), ou seja, matéria que se apropriou do interdito, constituindo uma região de possibilidade psicótica. Trata-se da ausência ou constituição precária do sujeito psíquico e, portanto, ausência ou precariedade do sujeito da linguagem. Vejamos mais detalhadamente como se dá a constituição do sujeito psíquico.

### **A INSCRIÇÃO DO CORPO ANIMAL NA ORDEM HUMANA**

A inscrição da natureza animal na ordem do simbólico - ou processo de constituição do sujeito psíquico - se faz em três momentos, a partir da constituição das instâncias de ação psíquica: ego e superego. Neste período de desenvolvimento psíquico instala-se a região intrapsíquica, a que Freud chamou de inconsciente.

Podemos afirmar que o Id é a instância de repetição da natureza animal, libidinal. Trata-se da estrutura mais primitiva da mente, quando não se pode falar ainda em um sujeito. As outras duas formações do aparelho psíquico são como desdobramentos dessa região primeira, presentes em todas as formas de vida animais.

O Ego é a região de efetuação da natureza animal, conhecida como a região da consciência. O superego é a região mais tardia do desenvolvimento psíquico e implica a internalização das leis humanas, não apenas no que diz respeito às regras de convivência social, mas às regras de produção de um psiquismo humano, de possibilidade de inserção na cultura e na linguagem.

Os três momentos do processo de constituição do sujeito psíquico fazem o processo que Lacan chamou de *Clivagem*<sup>25</sup>, cujo conceito será explicitado no próximo tópico.

## A ORDEM DO SIMBÓLICO NO PENSAMENTO DE JACQUES LACAN

No primeiro estágio do desenvolvimento psíquico - *processo primário* -, a criança vive o que a Psicanálise, em geral, chama de *narcisismo*<sup>26</sup>. Não há possibilidade de relações objetais. Todo objeto possível do mundo dito real é como um *eu*.

Posteriormente, acontece à emergência do segundo termo – a mãe - que já possibilita certo tipo de relações objetais, ainda que frágeis. O seio materno é vivido pela criança como uma totalidade. As pequenas ou grandes frustrações vividas durante a fase de amamentação encarregam-se de iniciar o processo de separação entre a criança e o corpo da mãe. Quando vem a fome e o seio não está presente, a criança percebe que precisa mover-se no sentido de aproximar o objeto do desejo. Neste momento a criança chora, e este pode ser o ato precário e inaugural da fala, os primórdios do sujeito linguístico.

A emergência do *terceiro* - o *pai* - acontece com as incursões paternas aos momentos de relação mãe-criança. O pai funciona como mais um agente de separação entre mãe e criança.

## A ORDEM DO REAL

O *Real* (sempre grafado por Jacques Lacan com inicial maiúscula) é um plano inacessível, porque é o lugar do real objeto do desejo, a posse do poder do falo. O sujeito renunciou à posse do falo, uma renúncia em nome do pai.

O desejo do adulto é movido pela busca do objeto faltante. O psiquismo funciona pela falta, como em um quebra-cabeça, onde deve haver uma casa vazia para que o sistema funcione. O desejo é lugar de ausência, de um objeto faltante. A *casa vazia* - do objeto faltante - é o lugar do falo simbólico (o poder do falo). Esta ausência possui uma

função política, de instalação do universo simbólico do indivíduo, fazendo substituições do objeto original do desejo. A falta obriga o sujeito a investir em outros objetos, que não o original; obriga-o a renunciar ao poder absoluto e ao narcisismo, em nome do pai. O pai tomará, de agora em diante, as múltiplas formas da lei: na linguagem, na sociedade e na cultura.

O falo simbólico é *o objeto fundador* da vida psíquica. O desejo é atraído pela casa vazia, pela ausência do objeto faltante, objeto perdido da cena edípica. Toda ação do sujeito seria como uma reedição simbólica da cena edípica, em busca da posse do objeto original do desejo, que nunca vai estar onde é buscado.

Retomando as considerações iniciais sobre a distinção entre um *mundo das coisas* e um *mundo das palavras*, podemos entender, com a Psicanálise lacaniana, o seguinte:

A coisa nunca é senão em função de marcas significantes que a dimensionam como objeto do desejo. Na problemática freudiana, a variabilidade do objeto estaria mostrando o caráter de representante que assume a coisa relativamente ao significante; o objeto freudiano não é uma coisa determinada, é qualquer coisa que possa ter o rol de representante do objeto perdido e se liga a uma constelação de significantes. Enquanto a constituição do objeto está ao nível do logos, relativo a um sistema linguístico, a coisa reduz-se ao nome, ao aspecto morfológico gramatical. A constituição do objeto está fundada na estruturação da linguagem, e a coisa, a tão falada coisa dos empiristas, essa coisidade que eles crêem estar diante do sujeito, é uma realidade 'parlante' que remete à causa e ao nada. A coisa, em sua coisidade, é nomeada a partir da estrutura da língua. Fica demonstrado que é desde a linguagem que se institui a dimensão da experiência da coisa.(p.29)<sup>27</sup>

O primeiro nome é o nome do pai, que nomeia o corpo da mãe. A *coisa* mãe só pode ser conhecida e dissociada do *eu* (ruptura com uma posição narcísica, *ego*cêntrica) quando é nomeada. A nomeação dos corpos do pai e da mãe estabelece a proibição do incesto, a lei. O incesto - a violação da lei - só é possível, portanto, na instância da linguagem, pois no nível do Real só existem corpos sem nome.

Quando a criança aprende os nomes, é porque já se articulou à ordem simbólica, plano onde habita a linguagem. Os nomes, porém, são

aprendidos na instância psíquica, como vimos. É o movimento, digamos, pulsional, que permite o aprendizado dos nomes.

Primeiramente, a criança extrai um *eu* da totalidade primitiva que ela percebe. Esse *eu* precede o sujeito e é condição *sine qua non* para a sua emergência. O *eu* não é o sujeito. O sujeito é determinado nas relações objetais. O lugar do sujeito é vazio enquanto um *eu* não se estabelece nesse lugar. O sujeito é um vazio a ser preenchido tanto na estrutura linguística quanto na ordem estrutural humana.

No plano da sintaxe, a posição do sujeito é orientada pelas leis da gramática. Eu só tenho um sujeito quando a linguagem se articula, quando alguém fala: (sujeito) foi ao cinema. O sujeito está aí, mas é um nada. É preciso ocupar o lugar do sujeito: (Maria) foi ao cinema. Maria é um *eu* que, neste momento, ocupa o lugar do sujeito.

Portanto, temos motivos razoáveis para dizer que o sujeito linguístico é coincidente com o sujeito psíquico, mesmo porque o sujeito psíquico só se constitui na articulação dos significantes linguísticos, na aprendizagem dos nomes, mas não em uma aprendizagem qualquer, e sim em uma aprendizagem afetiva, no sentido psicanalítico do termo afeto (investimento libidinal nos objetos externos; elaboração do narcisismo).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a busca de adequação dos conceitos linguísticos e psicanalíticos ao estudo da comunicação humana nos permitiu recortar, da literatura referente às duas disciplinas, um conceito de sujeito da linguagem adequado à abordagem terapêutica fonoaudiológica. Compreender a constituição do psiquismo como condição para a inscrição do indivíduo na linguagem tem permitido, à equipe multiprofissional em que atuamos, a abordagem terapêutica fonoaudiológica de crianças sem linguagem. Essas crianças apresentam quadros psicológicos bastante complexos, e nossos estudos têm permitido contribuir para a avaliação diagnóstica dos transtornos psicológicos associados à aquisição e à produção da linguagem, bem como para o encaminhamento de pacientes ao tratamento psicológico mais adequado.

Atualmente, temos segurança para afirmar que a avaliação psicodiagnóstica de pacientes da comunicação sem linguagem ou apresentando competência linguística inadequada se faz necessária durante o processo geral de avaliação diagnóstica. Podemos dizer também que o conhecimento do psiquismo do paciente em terapia auxilia significativamente o trabalho terapêutico e permite a orientação familiar mais apropriada. Queremos dizer que a própria terapia fonoaudiológica pode acentuar o processo de inscrição do paciente na ordem simbólica, embora não dispense, de forma alguma, o encaminhamento psicológico. Queremos afirmar também que a família pode ser orientada no sentido de reestruturar sua dinâmica de grupo, favorecendo a inserção, ainda possível, na ordem simbólica.

Entendemos, porém, que ainda há um longo caminho a percorrer na atualização do conceito de sujeito da linguagem, em função das transformações que a filosofia moderna e os estudos semióticos têm produzido no modo de conceituar o sujeito. A filosofia moderna tem levado essa conceituação para além das bases teóricas cartesianas e estruturalistas com as quais temos trabalhado até o momento. Nosso pensamento tem se articulado a esses novos conceitos e buscado atualizar os referenciais de abordagem do paciente da comunicação. Esses novos estudos, porém, não podem ser apresentados neste momento. Trabalhamos para que isso se torne logo possível, quando, certamente, apresentaremos novas conclusões conceituais, no intuito de contribuir com as práticas diagnósticas e terapêuticas dos distúrbios da comunicação.

## REFERÊNCIAS

1. Laplanche J, Pontalis JB. Pré-consciente. In:\_\_\_\_\_. Vocabulário de psicanálise. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes; 2001. p.349-52.
2. Vallejo A, Magalhães LC. A tópica do Inconsciente. In: \_\_\_\_\_. Lacan: operadores da leitura. 2a ed. São Paulo: Perspectiva; 1991. p.61-71.
3. Freud S. Esboço de psicanálise. In: Sigmund Freud, 24 volumes: edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago; 2006. v.23. p.157-8.
4. Laplanche J, Pontalis JB. Quantum de afeto. In:\_\_\_\_\_. Vocabulário de psicanálise. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes; 2001. p.421.

5. Laplanche J, Pontalis JB. Recalque ou Recalcamento / Repressão. In: \_\_\_\_\_. Vocabulário de psicanálise. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes; 2001. p.457-8.
6. Laplanche J, Pontalis JB. Pulsão. In: \_\_\_\_\_. Vocabulário de psicanálise. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes; 2001. p. 394-5.
7. Mijolla A. Incesto. In: \_\_\_\_\_. Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições. Rio de Janeiro: Imago; 2005. p.938-9.
8. Vallejo A, Magalhães LC. Ordem simbólica. In: \_\_\_\_\_. Lacan: operadores da leitura. 2a ed. São Paulo: Perspectiva; 1991. p.101-4.
9. Freud S. Esboço de psicanálise. In: Sigmund Freud, 24 volumes: edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago; 2006. v.23. p.166-7.
10. Mijolla A. Zona erógena. In: \_\_\_\_\_. Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições. Rio de Janeiro: Imago; 2005. p.1989-91.
11. Laplanche J, Pontalis JB. Complexo de Édipo. In: \_\_\_\_\_. Vocabulário de psicanálise. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes; 2001. p. 77-81.
12. Mijolla A. Triangulação. In: \_\_\_\_\_. Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições. Rio de Janeiro: Imago; 2005. p.1936-7.
13. Laplanche J, Pontalis JB. Faló. In: \_\_\_\_\_. Vocabulário de psicanálise. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes; 2001. p. 167-8.
14. Laplanche J, Pontalis JB. Relação de objeto. In: \_\_\_\_\_. Vocabulário de psicanálise. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes; 2001. p. 443-7.
15. Mijolla A. Latente. In: \_\_\_\_\_. Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições. Rio de Janeiro: Imago; 2005. p.1069-70.
16. Mijolla A. Desejo. In: \_\_\_\_\_. Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições. Rio de Janeiro: Imago; 2005. p.113-5.
17. Elliot AJ. A linguagem da criança. Rio de Janeiro: Zahar; 1982. p.52-3.
18. Saussure F. Curso de lingüística geral. 20a ed. São Paulo: Cultrix; 1995. p.79.
19. Vallejo A, Magalhães LC. O imaginário. In: \_\_\_\_\_. Lacan: operadores da leitura. 2a ed. São Paulo: Perspectiva; 1991. p.59-60.
20. Vallejo A, Magalhães LC. O O real. In: \_\_\_\_\_. Lacan: operadores da leitura. 2a ed. São Paulo: Perspectiva; 1991. p.115-6.
21. Vallejo A, Magalhães LC. Signo. In: \_\_\_\_\_. Lacan: operadores da leitura. 2a ed. São Paulo: Perspectiva; 1991. p.137-43.



22. Mijolla A. Objeto primário. In: \_\_\_\_\_. Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições. Rio de Janeiro: Imago; 2005. p.1303-4.
23. Mijolla A. Objeto perdido. In: \_\_\_\_\_. Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições. Rio de Janeiro: Imago; 2005. p.1302-3.
24. Mijolla A. Mãe fálica. In: \_\_\_\_\_. Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições. Rio de Janeiro: Imago; 2005. p.1116-7.
25. Mijolla A. Clivagem do eu. In: \_\_\_\_\_. Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições. Rio de Janeiro: Imago; 2005. p.638-9.
26. Mijolla A. Narcisismo. In: \_\_\_\_\_. Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições. Rio de Janeiro: Imago; 2005. p.1222-6.
27. Mijolla A. Desejo e objeto. In: \_\_\_\_\_. Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições. Rio de Janeiro: Imago; 2005. p.29-30.